

## **Mulheres devotas na Irmandade do Rosário: relações de sociabilidade e identidades em São João Del-Rei (1808 -1850)**

Daniela dos Santos Souza \*

### **Resumo**

Na primeira metade do século XIX em São João del-Rei, Minas Gerais, os livros de entrada de irmãos da irmandade do Rosário registraram a associação de homens e mulheres de origens diversas. Estavam ali reunidos escravos e livres que se organizaram em grupos num espaço em que a ética católica e os significados simbólicos da fé regulavam a conduta. A presente pesquisa pretende analisar os membros dessa instituição, especialmente o grupo feminino, considerando suas relações de sociabilidade, os tipos de alianças e negociações engendradas naquele contexto, com o objetivo de formular e reformular memórias, identidades e poder. Nesse processo, buscaremos investigar como foi a participação dessas mulheres na confraria, quem eram elas e em que medida a escolha da devoção funcionou como mecanismo de preservação da identidade e autonomia do grupo na irmandade.

**Palavras-chave:** Irmandade; Devoção, Identidade

### **Résumé**

Dans l' première moitié de siècle XIX, en São João del-Rei, Minas Gerais, des livres d'entrée de frère de la église du Rosário enregistrent l' association de homme et femme de origines diverse. Ils étaient la réunés esclaves et libres que s'organiserent en groupes dans un espace en que la éthique catholique e les significations symbolique de la foi régulent de la conduite. La présent recherche avoir l'intention analyser les membre de institution, et en particulier l' groupe femme, considerant ses relations de sociabilité, les types de alliances et négociations articulees en place, avec le objectif de formuler et reformuler memoirées, identités et pouvoir. Ce processus, chercherons faire des recherches sur comme il est allé la participation des femme dans la église, qui étaient elles et comme l'choix de Saint elle a marché comme mécanisme de préservation de la identité et hiérarchie de groupe dans la église.

**Mots principale:** Église; Saint; Identité

O presente artigo pretende demonstrar os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo descobrir que tipo de representatividade teve o grupo feminino que aderiu ao culto à Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em São João del-Rei entre 1808 e 1850. Com base nos registros de entrada dos irmãos procuramos averiguar, de início, quais grupos se formaram no interior da confraria, para posteriormente, enfatizando a questão da religiosidade perceber como ela foi entendida pelos membros e utilizada para balizar identidades. Foi na análise da materialização do culto aos santos, cargos, juizados, contribuições e esmolas, que encontramos pistas para traçar o

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Bolsista da CAPES.

perfil do grupo objeto dessa pesquisa e indícios para buscar entender a maneira com que essas devotas se posicionavam diante dos demais membros na confraria e naquela sociedade como um todo. Percebe-se que as relações de sociabilidade foram utilizadas como estratégia de manutenção e autonomia dos grupos dentro da instituição. Para entender melhor esse capítulo da história da Irmandade, é preciso considerar o contexto econômico/social da Vila de São João del-Rei que na época atingiu o auge do seu dinamismo.

### **Vila de São João del-Rei e a religiosidade**

São João del-Rei desde os fins do século XVII ficou conhecida como “Porto Real da Passagem” porque, nesse período, produzia-se mantimentos para serem vendidos aos passantes em direção às áreas mineradoras. Quando foi descoberto ouro na região, por volta de 1705, o arraial cresceu, pois, um grande número de pessoas se deslocou para lá em busca de enriquecimento. Em 1713 tornou-se Vila de São João del-Rei. Depois foi considerada a cabeça da Comarca e em 1838, apesar dos desmembramentos<sup>1</sup>, foi elevada à categoria de cidade (GRAÇA FILHO, 2003).

Nesse período, a agricultura se desenvolveu ao lado da atividade mineradora, porém, em meados do século XVIII e início do XIX, não só a região de São João del-Rei, mas grande parte do território mineiro teria sido marcado por uma reestruturação da economia. A partir de um declínio na mineração, as atividades agro-pastoris ganharam maior peso e se consolidaram no início dos oitocentos como uma economia mercantil ligada ao abastecimento interno (ALMEIDA, 1995; GRAÇA FILHO, 2003; ANDRADE, 2008:27-63).

A posição privilegiada da comarca do Rio das Mortes fez com que, durante o século XIX, a região fosse um corredor pelo qual escoavam mercadorias vindas de outras áreas, a oeste e ao norte, em direção às áreas centrais. O principal mercado importador dos produtos mineiros foi o Rio de Janeiro, principalmente depois da chegada da Família Real, na cidade do Rio de Janeiro, em 1808. Para lá se dirigiam tropas, levando víveres, tecidos, couro, entre outros. Retornavam trazendo outros produtos que seriam distribuídos na região e em outras comarcas (LENHARO, 1979; GRAÇA FILHO, 2003).

Diante de tal dinamismo econômico a migração e o crescimento populacional foi uma consequência. Para se ter uma idéia o crescimento populacional na comarca do Rio das Mortes, entre 1767 e 1821, passou de 49.485 para mais de 200.000 habitantes. Somente para a

---

<sup>1</sup> No final do século XVIII e início do XIX, a Comarca sofreu desmembramentos, pois, em muitas vilas, freguesias e distritos, o crescimento econômico e demográfico foi tão intenso que os “homens bons” daquelas áreas reivindicaram a emancipação de seus arraiais, para não ficarem mais submetidos ao controle da vila de São João del-Rei.

vila de São João del-Rei, as estimativas populacionais giram, entre 1818 e 1835, em torno de seis mil a sete mil habitantes (BRUGGER, 2007:38).

São João del-Rei tomou ar cidadão e urbanizado. As vendas, as ruas, praças, pontes, as igrejas e os caminhos que conduziam aos sítios e às fazendas eram alguns dos espaços que possibilitavam o contato interétnico em que as alianças poderiam se fortalecer ou os conflitos se desencadear. Entre os espaços de contato, para esse trabalho, escolhemos a Irmandade do Rosário.

### **Irmandade Nossa Senhora do Rosário – a igreja dos homens pretos**

Em Minas Gerais a religiosidade dos negros ficou por conta, predominantemente, das Irmandades do Rosário. As confrarias assumiram responsabilidades religiosas na vila, promovendo o culto de seus oragos, procissões, missas funerais e festas. Atendia aos fiéis que adentravam à igreja em busca de consolo e soluções para os seus infortúnios e para as questões cotidianas, principalmente por meio da interferência dos santos, aos quais eram dirigidas promessas que seriam cumpridas mediante o alcance da graça pedida. Muitos irmãos se associavam em busca também de assistência material (SOARES,2000:180-187;BORGES,2005:89-94).<sup>2</sup>

Nas irmandades do Rosário, escravos, forros e mestiços congregavam-se. Segundo Caio Boschi, as únicas instituições nas quais os negros puderam se manifestar com relativa autonomia liberdade (1986). No entanto, contraditoriamente, essas confrarias foram agentes eficazes da colonização, pois, além de ser local de afirmação das identidades culturais, étnicas ou sociais dos grupos participantes, também se identificavam com as estruturas hierárquicas das sociedades do Antigo Regime. As irmandades negras, igualmente como foi a de brancos, funcionavam como mecanismo de exteriorização do lugar social a ser ocupado por cada um (SCARANO,1976).

Diferentemente das confrarias de pretos nas regiões litorâneas que em seus compromissos apontam os grupos étnicos na base de sua constituição<sup>3</sup>, as irmandades do Rosário em Minas Gerais abriram um leque maior de aceitação. Nestas, eram aceitos irmãos

---

<sup>2</sup> As confrarias funcionavam como instituições de ajuda mútua. Os entrantes contribuíam com taxas ou jóias de entrada e anuidades, recebendo em troca assistência quando doentes, quando famintos e quando mortos. Muitas vezes, os recursos serviam até de empréstimo para comprar a liberdade de algum irmão escravo. Mas era para as festas dos santos padroeiros que os recursos eram priorizados.

<sup>3</sup> Através dos critérios de admissão dos irmãos estipulados no livro de compromisso, foi constatado que na base da composição da confraria, alguns grupos étnicos imperavam. Nos livros de compromissos de determinadas irmandades de negros do Rio de Janeiro e da Bahia redigidos no século XVIII, foi encontrado regras seletivas de alianças interétnicas.

tanto escravos quanto livres, nascidos no Brasil ou estrangeiros de várias etnias. Marcos Aguiar constatou que em Minas Gerais as irmandades de negros não refletiam clivagens étnicas no interior de populações africanas no que diz respeito a organização das devoções. A clivagem central ficou entre membros africanos e crioulos. Estes últimos se reuniram, posteriormente, predominantemente nas confrarias de Nossa Senhora das Mercês e a aproximação dos mesmos fazia-se com os pardos (AGUIAR, 1993:300). Anderson de Oliveira discordou de Marcos Aguiar e demonstrou que apesar de estarem juntos na mesma confraria africanos e crioulos, havia sim divisões étnicas entre os africanos que buscaram hierarquizar espaços e definir poderes para que fosse possível a convivência entre eles. (OLIVEIRA, 2008). Foi através da ocupação dos cargos nas irmandades que ele observou uma manutenção na hierarquização dos grupos. Segundo suas análises os candidatos à composição da mesa diretora eram indicados por “grupos de pressão” que se organizavam no interior das irmandades. Ao adotar essa estratégia, os grupos dominantes e /ou mais organizados tinham mais possibilidades de controlar o maior número de cargos tanto administrativos quanto os juizados.

Partindo da perspectiva de Anderson de Oliveira procuramos analisar a composição dos membros na Irmandade do Rosário aqui em questão e a participação dos mesmos nos juizados de devoção.

### **Membros da Confraria – maior participação dos livres e das mulheres**

Nos livros de entrada de irmãos<sup>4</sup> consultados num período de 1808 a 1850 fizemos um levantamento geral dos entrantes para perceber como se deu a composição na confraria entre homens e mulheres, escravos e livres. Entre 1808 e 1850 constatamos 397 escravos, 14 forros e 690 entrantes que não mencionaram a condição. Os dados demonstraram o número expressivo de entrantes do sexo feminino na confraria. Registrou-se 1101 assentos sendo que 620 eram de mulheres e de homens apenas 481. Ao analisar os registros segundo o sexo e condição constatamos que o contingente feminino não-escravo foi bastante significativo. De 620 registros, 412 não mencionaram a condição e 7 eram forras.

Apesar dos estudos comprovarem que Minas Gerais foi, no início do século XIX, a maior Província escravista do Império, em números absolutos, não o era em termos proporcionais. Carla Almeida constatou que enquanto a população cativa, na capitania mineira, cresceu, entre 1767 e 1821, 43,65%, a livre aumentou em 305,17% (BRUGGER,

---

<sup>4</sup> Livros 17, 20 e 23 - AIRSJDR (Arquivo da Irmandade do Rosário de São João del-Rei).

2007:40). Baseado nos dados levantados por Carla Almeida, Silvia Brügger afirma que o aumento dos habitantes na comarca do Rio das Mortes e conseqüentemente no termo de São João del-Rei, no século XIX, foi proporcionalmente muito maior entre os livres<sup>5</sup> do que entre os escravos. A autora verificou que, em 1821, a Comarca do Rio das Mortes, de um total de 209.664 habitantes, 138.517 eram livres e 71.147 escravos. No mesmo ano, o termo de São João del-Rei possuía 31.029 habitantes, sendo que 20.152 eram livres e 10.877, escravos. Isso demonstra que o trabalho livre ganhava cada vez mais importância na região (BRUGGER,2007:41). Silvia Brügger constatou ainda que havia uma maior concentração de mulheres na vila de São João del-Rei em 1838. Naquele ano, para um total de 4.033 pessoas livres, 1.776 eram homens e 2.257, mulheres, ou seja, o predomínio masculino se inverteu: havia apenas 79 homens para cada 100 mulheres (BRUGGER,2007:41).

Vários estudos têm destacado o aumento de cativos agraciados pela alforria a partir da metade do século XVIII, principalmente as mulheres (FARIA, 2004; SOARES,2006). Os libertos, em grande parte, buscavam nos centros urbanos a oportunidade de sobrevivência. Lá a oferta de trabalho livre era maior. Nas vilas de perfil urbanizado, como é o caso de São João del-Rei, muitas mulheres foram em busca de atividades laboriosas que lhes propiciassem melhores condições de sobrevivência. Sheila Faria afirmou que as principais atividades femininas no meio urbano eram: costureira, rendeira, doceira, padeira, fiandeira, louceira, lavadeira, parteira e prostituta (FARIA,1998). Mas, era no comércio, tanto fixo como ambulante, que tinham a expressiva atuação delas, principalmente sob a administração das forras e escravas (FIGUEIREDO, 1993). Além do ambiente urbano ser grande atrativo para as mulheres em busca de trabalho, os estudos apontam que foi nesse meio que muitas delas conseguiram acumular riquezas e se transformar em representantes de significativas fortunas naquelas sociedades (FARIA,2004; PAIVA,2006).

Os dados que computamos a partir dos livros de assentos da irmandade condiz com o que a historiografia tem apontado sobre o perfil populacional sanjoanense, principalmente no que diz respeito às mulheres. Como vimos, na irmandade o perfil de entrantes na primeira metade do XIX foi majoritariamente feminino e não-escravo. É preciso ressaltar que mais de 80% dessas mulheres estavam registradas com nome e sobrenome e mais de 90% não mencionaram que eram casadas. Mas por que tantas mulheres nessas irmandades?

---

<sup>5</sup> Entre os livres a autora afirma que se achavam incluídos também os libertos.

A historiografia tem apontado para a facilidade das mulheres em se filiar nas irmandades negras.<sup>6</sup> Os próprios compromissos garantiam a participação delas em cargos administrativos, como os de Rainha, Juíza, Provedora, Irmã de Mesa e Zeladora. Em muitos compromissos na época da eleição, os candidatos pretendentes do sexo masculino deveriam passar por rigorosa formalidade em que os votos deveriam ser em *Mesa* e com aprovação unânime dos mesários. Já para as candidatas do sexo feminino, não estava previsto tal formalidade.<sup>7</sup>

Luciano Figueiredo afirmou que a busca pela assistência social e também por um convívio social maior com seus pares, eram os mais importantes motivos para a adesão das mulheres nas confrarias. Concordo com a afirmação do autor com relação ao segundo motivo, porém, com relação ao primeiro não penso da mesma forma. A execução das funções assistenciais estabelecidas nos compromissos parece que não foi uma prioridade nas confrarias. Marcos Magalhães Aguiar relativizou essa questão ao tomar por base os livros de receitas e despesas tanto de irmandades ricas quanto das irmandades pobres. Os livros demonstram que tais serviços eram bastante “irregulares e seletivos”. “As contribuições assistenciais, nestas irmandades, eram quase sempre determinadas pela mesa, às vezes respondendo a solicitações de oficiais, e parecem ter sido bastante irregulares.” O autor afirma ainda que, na verdade, outra atividade parecia estimular o desempenho dos administradores - a realização das festas dos santos patronos. Para isso se empenhavam ao máximo (AGUIAR, 1993:195-202).

Dessa forma, creio que os motivos que atraíam as mulheres à irmandade vão mais além daquele referente à assistência social. Acredito que um dos principais motivos para o ingresso na irmandade era a busca de um prestígio social, ou seja, de uma maior importância naquela sociedade. Ser confrade significava fazer parte das elites da localidade. Assim como nas irmandades dos brancos os irmãos eram o reflexo da elite local, nas irmandades negras acontecia o mesmo (BOSCHI, 1986). Na ocasião das grandes festas religiosas, que envolviam todas as irmandades da vila, como a quaresma, semana santa, natal e as festas dos santos padroeiros, estavam aí as oportunidades dos irmãos se posicionarem socialmente não só frente aos demais membros da confraria, como também frente àquela sociedade como um todo (BORGES, 2005:161-165).

---

<sup>6</sup> Mulheres brancas eram mais aceitas quando casadas com um irmão participante, que arcava com as despesas para a associação. As que tinham rendimento próprio e contribuísse autonomamente com a taxa estipulada para o ingresso na confraria, não eram bem vistas naquele recinto.

<sup>7</sup> No compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de 1841 podemos constatar essa diferenciação às mulheres.

## Os juizados de Nossa Senhora dos Remédios

Célia Borges em seus estudos sobre as irmandades do Rosário em Minas Gerais, explicou que toda a dinâmica de funcionamento da confraria estava prevista nos estatutos conhecidos como *compromissos*. Estes eram redigidos pelos membros dirigentes da confraria e encaminhados aos órgãos fiscalizadores da Coroa para aprovação. O corpo dirigente da irmandade se chamava *Mesa* e era composto, dependendo da irmandade, de reis, juizes ou provedores, tesoureiro, escrivão e procurador (2005).<sup>8</sup>

A *Mesa* era responsável pelas principais decisões na irmandade. Havia eleições anuais para a troca dos componentes da *Mesa*, o que não significa exatamente uma troca geral. Alguns membros podiam permanecer nos cargos dependendo do seu poder econômico na hora de contribuir; ou ainda, das indicações feitas pelos “grupos de pressão” (OLIVEIRA e BRUGGER, no prelo).<sup>9</sup> Era também os membros da *Mesa* que nomeavam os membros que ocupariam os juizados por devoção, que a partir do final do século XVIII ficaram mais populares (AGUIAR, 1993:175-194).<sup>10</sup> Eles seriam responsáveis pela organização das festas em homenagem aos santos cultuados na igreja e da grande festa em homenagem à santa padroeira da confraria – Nossa Senhora do Rosário. Nas cerimônias e cortejos teriam, portanto, a oportunidade de se destacarem, pois, seriam os mais importantes depois dos membros diretores.

A análise da composição desses juizados é um método mais apurado para perceber a organização dos grupos. Havia no interior da Irmandade do Rosário de São João del-Rei várias devoções em seus altares principais e laterais. No estatuto de 1787, o culto à São Benedito, Nossa Senhora dos Remédios e Santo Antônio de Catalegerona já aparecem estruturados. São Benedito aparece como devoção de destaque entre as anexas à principal e tem um capítulo exclusivo, o capítulo 13, onde consta como, quando e por quem deverá ser organizada a festa em sua homenagem. “Esta irmandade será obrigada a fazer huã festa todos

---

<sup>8</sup> Segundo os *compromissos*, os demais membros da confraria se encarregavam da tarefa da organização de festas e funerais, coleta de esmolas, assistência aos doentes e organização da capela.

<sup>9</sup> Os autores utilizaram essa expressão para explicar que os componentes da *Mesa* eram indicados por grupos que se constituíam no interior da confraria e refletiam interesses, principalmente financeiros, dos que dominavam ou que eram mais organizados na irmandade. Segundo os autores a capacidade de indicação e controle dependia também das alianças construídas com outros grupos.

<sup>10</sup> Além da devoção principal na Igreja, estavam anexadas a ela outros oragos. Estes cumpriam um importante papel no interior, pois promoviam o aumento de fiéis que acabava por traduzir um aumento de rendimento nas instituições. Além do crescimento no número de esmolas, as irmandades procuraram aumentar a receita promovendo a eleição de grande quantidade de juizes por devoção. Para serem escolhidos deveriam contribuir com esmolas avantajadas. Quanto maior fosse a quantia, mais significava era a expressividade de sua devoção.

os anos a Sam Benedito na terceira oitava do Natal(...)” O capítulo 16 do mesmo estatuto descreve sobre a organização da festa em homenagem aos outros dois santos “que o zelo e devoção de alguns irmãos as fizeram edificar e estabelecer nesta igreja, queremos se pratique o mesmo que fica determinado no capítulo XIII”. O texto reitera a sujeição dessas devoções à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em seu governo e disposições.<sup>11</sup>

No estatuto de 1841 da mesma irmandade, o capítulo 10<sup>12</sup> delinea como deve ser as funções em homenagem às devoções. Notamos que nesse compromisso o culto à outros santos surgem estruturados – São Domingos e Santa Catarina; evidência do aumento na institucionalização de novos cultos. Mas parece que entre os santos anexos à devoção principal, Nossa Senhora dos Remédios, dessa vez é que mereceu maior destaque; diferente do primeiro estatuto que dava realce à São Benedito. Observamos que o dia da festa em homenagem à Nossa Senhora dos Remédios será em “tempo que melhor convier”. Os outros santos também terão funções, porém nos dias mais próprios para as pessoas escravas participarem. O texto parece demonstrar que Nossa Senhora dos Remédios não tinha como principais devotos os escravos. Qual seria o perfil dos fiéis dessa devoção nesse período? Estaria o destaque devocional atrelado ao perfil de devotos na confraria?

Como vimos, os cativos não foram tão presentes na irmandade na primeira metade do XIX, a maioria dos membros entrantes eram não-escravos. Só a título de curiosidade, fiz um levantamento comparativo, nos livros de assento ora pesquisados, para comprovar a popularização dos juizados de Nossa Senhora dos Remédios e São Benedito em dois períodos: segunda metade do século XVIII e primeira do XIX. Em 1762 constatei o primeiro e único registro mencionando a devoção à Nossa Senhora dos Remédios, depois até 1800 as referências à santa totalizaram 72 (21,4%) . A partir de 1801 até 1850 foram 264 (78,6%) menções. Para o juizado do santo negro, a primeira referência foi notificada em 1767 e até 1800 somaram 16 (26,7%). De 1801 a 1850 o total de juizados de São Benedito foi de 44 (73,3%). Os dados comprovam o aumento desses juizados na primeira metade do XIX, mas, demonstra que esse aumento foi na mesma proporção para as duas devoções. O que impressiona é a grande projeção do culto de Nossa Senhora dos Remédios na confraria.

Fizemos um levantamento, entre 1808 e 1850, dos irmãos que ocuparam os juizados de devoção na confraria. Entre aqueles que mencionaram a devoção, 343, o resultado foi da seguinte forma: os percentuais revelam, efetivamente, que mais da metade dos juizados foram

---

<sup>11</sup> Texto integral no Livro de Compromisso da Irmandade do Rosário de São João del-Rei, 1787 – AINSPSJDR (Arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei).

<sup>12</sup> AINSPSJDR (Arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei).

dedicados à devoção por Nossa Senhora dos Remédios (54%), mais que do que à santa principal da confraria que aparece em segundo lugar (11,7%). Os santos negros, São Benedito e Santo Antônio de Catalegerona, têm devoção equilibrada (9,3% e 8,5% respectivamente) na irmandade e os três últimos santos São Domingos, Santa Catarina e São Vicente, aparecem com menos fiéis certamente por serem cultos mais recentes na instituição. Observei que entre os juizados de Nossa Senhora dos Remédios, estavam pessoas com classificações significativas de diferenciação e prestígio social – 17 Donas, 1 Senhorinha, 1 Capitão e 1 Cadete. No Juizado de Nossa Senhora dos Rosário encontrei 2 Donas e nos outros juizados não constatei nenhuma dessas classificações.

Apurei também a composição desses juizados segundo o sexo. Os dados colhidos apontam que as mulheres são bastante superiores na ocupação dos cargos de juizados por devoção, foram 267 ocupantes do sexo feminino e apenas 76 do sexo masculino. Tanto entre os homens quanto entre as mulheres a devoção a Nossa Senhora dos Remédios foi predominante, forma esmagadora entre elas. Das 267 mulheres, 158 ocuparam o juizado de Nossa Senhora dos Remédios e dos 76 homens, 27 deles preferiram essa devoção. Nossa Senhora do Rosário aparece em segundo lugar na preferência delas com 35 ocupantes. Para os homens, depois da santa dos Remédios os juizados dos santos negros foram os mais preferidos.

Por último fizemos um levantamento dos juizados segundo a condição social. Os dados computados evidenciaram que os juizados eram ocupados predominantemente por membros não-escravos; dos 343 juizados, quase 65%. Esses irmãos escolhiam majoritariamente a devoção por Nossa Senhora dos Remédios, 58%. Embora o percentual entre os escravos seja maior também para a devoção por Nossa Senhora dos Remédios, nota-se que a preferência deles pelos santos negros ainda é significativa. Os juizados de Nossa Senhora dos Remédios tinha 46,7% da ocupação escrava. Em segundo lugar, Santo Antônio de Categeró 14,8% e em terceiro, São Benedito com 10,7% de ocupantes cativos.

Em resumo constatamos o maior número de juizados para o culto a Nossa Senhora dos Remédios, a maioria preenchidos por mulheres e não-escravas, com a observação de que faziam parte desses juizados mulheres “Donas”. Qual a relação dessas mulheres com essa devoção? Quais designações teriam sido incorporadas pelas devotas para balizar a identidade desse grupo? Funcionaria essa devoção como mecanismo de distinção econômico/social? Diferente de Nossa Senhora do Rosário que tradicionalmente era protetora dos homens pretos, Nossa Senhora dos Remédios teria sido escolhida para atender os anseios daqueles que não eram pretos?

Devemos lembrar que numa sociedade com traços de Antigo Regime, o religioso, o social e o econômico não estavam completamente separados e que a construção de hierarquias no interior da própria irmandade foi um fenômeno regular em que, a meu ver, as devoções foram utilizadas como um recurso de interpretação para demarcar tais hierarquias. Quando se leva em consideração a conjuntura econômica e social da primeira metade do século XIX na cidade de São João del-Rei, referência na Comarca do Rio das Mortes, as mudanças apontadas na irmandade parecem lógicas. Afinal, como demonstrado no início desse artigo, São João del-Rei era uma cidade de perfil urbanizado, que abrangia ampla rede de comércio e que tinha um enorme contingente populacional livre, principalmente de mulheres.

Anderson de Oliveira explica que “a devoção abre, na prática, um leque de possibilidades de apropriações da figura do santo, as quais não estavam, necessariamente, previstas no projeto de catequese.” (OLIVEIRA, 2008:251). Isso significa que vários fatores influenciam o fenômeno devocional e esse deve ser compreendido em meio às conjunturas temporais e socioculturais de uma sociedade. O autor ainda completa dizendo que a fé no poder do santo leva os fiéis a assumir determinados comportamentos, praticar determinadas ações e entender o mundo conforme os princípios que acreditam. Nesse sentido creio que a imagem de Nossa Senhora dos Remédios tenha sido utilizada como elemento de construção de uma representatividade social, principalmente das mulheres, no interior da confraria e fora dela. O que buscaremos agora são indícios que comprovem a formação desse grupo e a representatividade dele naquela confraria. Como bem disse Anderson de Oliveira “cada grupo, ao se estruturar para o culto, nele imprime a sua marca e o faz veículo de suas questões particulares.”

## **Bibliografia**

AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Vila Rica dos Confrades: a sociabilidade confrarial entre os negros e mulatos no século XVIII*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1993.

ALMEIDA, Carla M. Carvalho de. Minas Gerais de 1750 a 1850: bases da economia e tentativa de periodização. *LPH – Revista de História*, Departamento de História da UFOP, nº 5, 1995.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

BORGES, Célia Maria. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o Poder*. São Paulo: Ática, 1986.

BRUGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal: família e sociedade* (São João Del Rei – séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás Pretas, Damas Mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João del-Rei (1700-1850)*. Tese para concurso de Professor Titular em História do Brasil. Niterói: UFF, 2004.

FIGUEIREDO, Luciano. *O Averso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Brasília, DF: Edunb, 1993.

GRAÇA FILHO, Afonso Alencastro. *A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Annablume, 2003.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_ e BRÜGGER, Sílvia. Os Benguelas em São João del-Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX). *Revista Tempo*. (no prelo)

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo: Nacional (Col. Brasileira), 1976.

SOARES, Mariza. *Devotos da Cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.